

Ecoss do Puta Dei))) Precisamos falar sobre isso

Por Jane Russo & Sérgio Carrara, texto curatorial sobre o movimento "Uerj Resiste", 2017

“No IMS o evento foi realizado no âmbito da disciplina Migração, Gênero e Saúde e incluído entre as atividades do movimento Uerj Resiste. O caráter simultaneamente acadêmico e político do encontro espelhou-se na composição da mesa de debates, que congregou pesquisadores do tema e ativistas do movimento de prostitutas. Além disso, ao final aconteceu a performance artístico-política de Tertuliana Lustosa, mulher trans e aluna do Instituto de Artes da UERJ.

Depois de advertir à plateia que a apresentação incluiria cenas de nudez e obtendo seu assentimento para realizá-la, Tertuliana despiu-se e passou a retirar de um envelope inúmeros documentos – registro de nascimento, laudos médico-psiquiátricos, testes hormonais, decisões judiciais etc. – que, ao longo dos anos, haviam sido produzidos sobre si e sobre seu corpo. Como barreiras simbólicas, os documentos que exibía pontuavam o árduo caminho que vinha trilhando na busca por direitos fundamentais – à vida, à dignidade e, sobretudo, à auto-determinação de gênero. Em geral, as mesmas barreiras marcam a vida de todas as travestis, mulheres (e homens) transexuais brasileiras, empenhadas individual e coletivamente nessa luta. E, como se sabe, para muitas delas a prostituição é importante fonte de renda e de sobrevivência.

De certo modo, toda essa conflituosa história estava em jogo na comemoração do Puta Dei, realizada no auditório do IMS, local de defesas de teses e dissertações e, portanto, de consagração do conhecimento científico. Em cena, o corpo sempre desnudado, examinado, exibido e, por isso mesmo, controlado pela ciência tomava a palavra e, em seus próprios termos, interpelava politicamente a instituição acadêmica. Por um instante, seu gesto de profanação subverteu os jogos de poder que, no campo científico, tradicionalmente subjazem ao espetáculo da exibição pública de corpos nus e de suas “estranhezas”. Seu corpo despojado reivindicava corajosamente uma comum humanidade (afinal, todos nascemos nus...) e denunciava o papel que a ciência desempenhou e continua a desempenhar no secular processo de patologização, desumanização e abjeção de pessoas cujos corpos e desejos são culturalmente considerados inadequados e indesejáveis. Finalmente, convidava a plateia de alunos, professores e pesquisadores a sonhar com uma ciência outra que, ao invés disso, possa ser instrumento de humanização, de inclusão, de cidadanização. Não à toa, parece-nos, a performance ocorreu justamente na UERJ e justamente no IMS, lugares em que há algumas décadas esse sonho vem sendo sonhado através da formulação de um pensamento crítico e socialmente engajado.

O gesto de Tertuliana não valeria de nada se só provocasse risos nervosos, rumores, rubores; se apenas motivasse o escândalo ou o loquaz silêncio do arquear desaprovador de sobranceiras. Ele demanda muito mais de nós. Exige, sobretudo, uma profunda reflexão sobre nossas práticas de pesquisa, nossos conceitos e nossos preconceitos; e no âmbito do UERJ Resiste, nossas formas de resistir. Aliás, era de resistência que falava o cordel Sertransneja, de Lidi Oliveira, apresentado por ela como parte de sua performance:

Mando notícias pro meu Nordeste/O clima aqui tá cabra da peste!/ Mas seja na rua ou na letra do rap/Minha irmã, não se avexe!/Só a gente sabe a dor no nosso canto/Só a gente sabe o valor do nosso pranto/Prometemos resistir, você lembra?/Minha irmã, não desista, tenta!/Não tem volta, nosso nome é revolta./Não tem volta, nosso nome é revolta./Quem for nos derrubar: dê meia volta! /Nossas ideias são mais perigosas que um fuzil/Nasceram nos becos desse tal Brasil/Nossa luta é à prova de bala/A repressão não me abala/Defenda a alegria e organize a raiva! [...] E nessa sina de lutar/São tantas referências/Quantas Marias Bonitas!/Tantas Marias da Penha!/Ser nordestina/Ser travesti, sapatão, favelada, preta, puta, indígena.../Não é nenhum xingamento!!/E existe só um mandamento:/Resistir a todo momento!

A nudez da Tertuliana, de fato, nos desnudou e continua a nos desnudar. E é justamente por isso que, agradecendo aos organizadores pela ousada seriedade do evento, e a Tertuliana pela séria ousadia de nos expor a sua performance, consideramos fundamental continuar a falar sobre isso.”

<http://site.ims.uerj.br/2017/06/14/ecos-do-puta-dei-precisamos-falar-sobre-isso/>